

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE - CCBS
UNIDADE ACADÊMICA DE PSICOLOGIA - UAPsi
CURSO DE PSICOLOGIA**

AUSÊNCIA, FINITUDE E LUTO: DRUMMOND À LUZ DE FREUD

ELAINE HÉLEN BRITO DA SILVA

CAMPINA GRANDE – PB

2015

ELAINE HÉLEN BRITO DA SILVA

**Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Unidade Acadêmica de
Psicologia, do Centro de Ciências Biológicas e
da Saúde da Universidade Federal de
Campina Grande, em cumprimento às
exigências para obtenção do título de
Psicólogo, sob orientação do Professor Dr.
Edmundo de Oliveira Gaudêncio.**

CAMPINA GRANDE – PB

2015

**Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Setorial "Tereza Brasileiro Silva"-
UFCG**

S586a

Silva, Elaine Hélen Brito da.

Ausência, finitude e luto: Drummond à luz de Freud/ Elaine Hélen Brito da Silva. – Campina Grande, PB: O autor, 2015.

25 f. 21 x 27,9 cm

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde.

Referências.

Orientador: Edmundo de Oliveira Gaudêncio.

1. Luto. 2. Ausência. 3. Carlos Drummond de Andrade. I. Gaudêncio, Edmundo de Oliveira. II. Título.

BSTBS/CCBS/UFCG

CDU 159.9:393.7(813.3)

ELAINE HÉLEN BRITO DA SILVA

AUSÊNCIA, FINITUDE E LUTO: DRUMMOND À LUZ DE
FREUD

APROVADO EM: 10 112 1 2015

NOTA: 10,0

BANCA EXAMINADORA

Prof. 

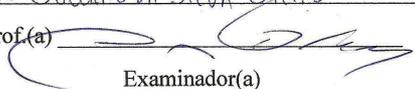
Orientador

Karynna Magalhães Barros da Nóbrega.

Prof.(a) Karynna Magalhães Barros da Nóbrega.

Examinador(a)

JORGE DELLANO DA SILVA BATTO

Prof.(a) 

Examinador(a)

Dedico este trabalho aos meus avós amados,
Antônio e Irene.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a **Deus**, por sempre ser paciente e amoroso nesta longa caminhada, sendo-me provedor de tantas experiências e encontros sem os quais esta jornada não seria tão enriquecedora.

Aos meus pais, **Eliane** e **João**, porque, sem vocês, nada aqui faria sentido. Por todo o apoio, empenho e dedicação para que eu pudesse trilhar a caminhada acadêmica de uma forma pela qual vocês não tiveram a mesma oportunidade. Meu amor e minha eterna gratidão!

Aos meus avós, **Irene** e **Antônio**, nos quais sempre me espelhei e, pelas curvas que a vida constrói, não verão este trabalho finalizado. Da maneira como Deus quis, ainda espero tê-los orgulhado. Devo tudo isso a vocês!

As minhas companheiras de jornada em Psicologia, **Anna Carlyne**, **Nathália Henriques**, **Tatiane Almeida** e **Laryssa Lobo**, pelo apoio, carinho, cumplicidade e por terem feito estes anos de vida acadêmica bem mais leves e cheio de amor, os quais levarei além dos muros acadêmicos.

As minhas amigas/irmãs, **Kathyana Luna** e **Jocilda Azevedo**, pela paciência, amor, luz e orientação, sobretudo quando as coisas perdiam o real sentido.

A minha amiga **Lumena Duda**, pelas traduções de resumos e suporte diante das intercorrências vividas nesse processo.

A minha amiga/irmã **Maria Isabel Morais Coura**, *“há sempre um sentido de Deus em todos os eventos humanos: importa descobri-lo”*. Na busca deste sentido, agradeço por sua presença na ausência. Sua fala no silêncio. Sua luz na escuridão. Seu amor. Sua alegria. Seu abraço. Saudades!

Ao meu orientador, **Edmundo de Oliveira Gaudêncio**, pela paciência, oportunidade, preciosas contribuições, e pelo aprendizado de vida que me proporcionou.

E a todos os meus amigos e familiares que, com boa intenção, incentivaram-me (in)diretamente para a realização e finalização deste trabalho.

Tenho saudade de mim mesmo,
saudade sob aparência de remorso,
de tanto que não fui, a sós, a esmo,
e de minha alta ausência em meu redor.
Tenho horror, tenho pena de mim mesmo
e tenho muitos outros sentimentos
violentos. Mas se esquivam no inventário,
e meu amor é triste como é vário,
e sendo vário é um só. Tenho carinho
por toda perda minha na corrente
que de mortos a vivos me carreia
e a mortos restitui o que era deles
mas em mim se guardava. A estrela-d'alva
penetra longamente seu espinho

(e cinco espinhos são) na minha mão.

(“Estrambote Melancólico”. In: Antologia Poética. Drummond de Andrade.)

RESUMO

O luto é um processo de elaboração e resolução de uma perda real ou de ordem equivalente, pelo qual todos passam em algum momento da vida, com maior ou menor sucesso. O presente trabalho procura examinar como se configura, no poema “Ausência”, de Carlos Drummond de Andrade, o luto, a finitude e ausência na realidade objetiva, expressos através do discurso poético e investigados à luz de conceitos oriundos da Psicanálise freudiana.

Palavras-chave: Luto, Ausência, Carlos Drummond de Andrade.

ABSTRACT

Mourning is a process of developing and solving a real loss or an equivalent order, by which all pass at some point in their lives, with greater or lesser success. This paper attempts to examine how to set up, in the poem "Absence" by Carlos Drummond de Andrade, mourning, finitude and lack in objective reality, expressed through poetic discourse and investigated the light coming from Freudian psychoanalysis.

Keywords: Grief, Absence, Carlos Drummond de Andrade.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	09
2. JUSTIFICATIVA.....	11
3. OBJETIVOS.....	12
4. EXPOSIÇÃO.....	13
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	23
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	24

1. INTRODUÇÃO

O processo de luto está inevitavelmente presente na dinâmica entre os dois polos da existência humana: a vida e a morte. Para compreender tal princípio buscamos, neste trabalho, explorar as concepções de luto e seu processo, a partir da ótica psicanalítica e dos conceitos de Sigmund Freud, utilizando-nos do poema *Ausência*, de autoria de Carlos Drummond de Andrade, como objeto de análise.

Sabemos, desde Freud, que o luto é caracterizado como uma reação à perda de um objeto significativo para uma pessoa, aqui se tomando o termo objeto como designativo de coisas e seres, perda essa não determinada apenas pela morte, mas decorrente também do desaparecimento e/ou falta, reais ou simbólicos, de tudo que seja afetivamente significativo para uma pessoa durante todas as fases do desenvolvimento humano. Desse modo, lutos podem ser vivenciados em decorrência de perdas que perpassam pela dimensão física e psíquica, como o rompimento de elos afetivamente significativos, das mais diversas ordens (familiares, sociais, culturais, econômicos, profissionais).

O simples ato de crescer, como no caso de uma criança que se torna adolescente, advém com uma dolorosa abdicação do corpo infantil e suas significações, igualmente o declínio das funções orgânicas advindo com o envelhecimento. Nesse processo, a capacidade que o sujeito apresenta quanto ao enfrentamento de perdas, desde a infância, servirá como modelo quanto à adaptação (ou não) aos diversos lutos existenciais.

Objetivando estudar tais processos, lançamos mão do poema *Ausência*, de Carlos Drummond de Andrade, estabelecendo interfaces entre literatura e psicanálise, mediante o pensamento poético de Carlos Drummond de Andrade, formulado em torno de questões como finitude, falta, ausência, categorias que adquirem especificidade na poesia drummondiana.

Carlos Drummond de Andrade nasceu em Itabira, Minas Gerais, em 1902 e faleceu em 1987, no Rio de Janeiro. Contista, cronista, poeta e tradutor, é conhecido como “o grande poeta universal do Brasil”. Sendo considerado um dos poetas brasileiros mais influentes do século XX, sua obra traduz a visão de um individualista comprometido com a realidade social.

Por outro lado, Sigmund Freud (Sigismund Schlomo Freud), o autor a partir de cuja teoria analisaremos o poema citado, é o criador da Psicanálise. Nasceu na região da Morávia, que então fazia parte do Império Austro-Húngaro, hoje, República Tcheca, tendo morando grande parte de sua vida em Viena, Áustria. Faleceu em Londres em 1939.

É dele o texto que é tomado como base para este trabalho, *Luto e Melancolia*. Obra escrita em 1915 e publicado em 1917, é classificada como pertencente ao conjunto de textos que compõem a metapsicologia. Tendo como pano de fundo a primeira guerra mundial, é possível encontrar nessa e nas outras obras desse mesmo período (“Introdução ao Narcisismo”, “Considerações atuais sobre a guerra e a morte”, “A transitoriedade”) a constelação temática da morte, do luto, do sentimento de culpa, da perda e do trabalho psíquico que envolve a sua elaboração. Dessa forma, para se compreender o conceito de luto, a partir da perspectiva psicanalítica, imprescindível a leitura da obra citada, o que precipuamente empreendemos neste trabalho.

2. JUSTIFICATIVA

Este estudo busca atender as normas e diretrizes adotadas no Plano Pedagógico do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande como preceito obrigatório para a obtenção do título de Psicólogo.

Enquanto requisito para o término da graduação, o curso de Psicologia da UFCG estabelece como critério de avaliação a elaboração e defesa de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). O objetivo precípua dessa proposta é consolidar as competências e habilidades desenvolvidas ao longo do Curso através da produção de um trabalho monográfico (PPC, 2013).

Propondo refletir o processo de luto para além das vias conceituais, através de outro viés, o olhar e sentir do poeta acerca a ausência, verificamos que na poesia drummondiana é possível verificar esse dinamismo e movimento entre o ser e o mundo, onde a subjetividade do poeta torna-se a de todos, simbolicamente, entretanto, sem perder o laço com o real.

Portanto, este trabalho busca o discutir o desenvolvimento do processo de luto como uma das tópicas freudianas, mas, para além disso, ponderar sobre a palavra poética, a “corporificação” na ausência, a morte, o estar-não-estar no mundo, por entre os desdobramentos da poesia de Drummond.

“Seja qual for o caminho que eu escolher, um poeta já passou por ele antes de mim” (Freud).

3. OBJETIVOS

Objetivo Geral: Compreender e analisar o processo de luto à luz da psicanálise freudiana através do poema *Ausência*, de Carlos Drummond de Andrade.

Objetivos Específicos:

- ✓ Conceituar os processos de luto, trabalho e elaboração de luto a partir do texto freudiano “Luto e melancolia”;
- ✓ Analisar esses processos tal como expressos no poema “Ausência”, de Carlos Drummond de Andrade.

4. EXPOSIÇÃO

Em Luto e Melancolia, Freud (1915) entende o luto como uma reação à perda, não necessariamente de um ente querido, mas também de algo que tome as mesmas proporções, sendo, portanto, um fenômeno mental natural e constante durante o desenvolvimento humano. Para o autor, no luto, nada existe de inconsciente a respeito da perda, ou seja, o enlutado sabe exatamente o que perdeu (mesmo sem dar-se conta do quanto de si mesmo se perdeu). Além disso, o luto, em geral, é um processo natural, temporário, não patológico, necessário à elaboração da perda. Normalmente é um processo lento e doloroso, que tem como características uma tristeza profunda, afastamento de toda e qualquer atividade que não esteja ligada a pensamentos sobre o objeto perdido, perda de interesse pelo mundo externo e incapacidade de substituição do objeto perdido por um novo objeto de amor – o que acontece quando da resolução do luto (FREUD, 1915).

Durante o desenvolvimento, o indivíduo passa por constantes experiências de perdas, as quais se constituem como modelos de estados psíquicos que são incorporados à psique e poderão ser revividos em situações semelhantes ulteriores, tal como Freud (1926) constata, ao afirmar que as primeiras experiências traumáticas constituem o protótipo dos estados afetivos os quais, uma vez introjetados, quando da ocorrência de situações semelhantes, são revividos como símbolos mnêmicos.

Freud (1915) revela que o luto é um processo doloroso, contudo, a justificativa para isso seria encontrada quando tivessem condições de apresentar uma caracterização da dor. O autor também apresenta (1925), que a dor, na dimensão mental, também é a reação real à perda do objeto. Quando há uma dor física, ocorre um alto grau do que pode ser denominado de catexia narcísica da parte do corpo que se sente a dor. Na dimensão mental, diante de uma situação dolorosa, essa concentração de energia psíquica no objeto do qual se sente falta ou que está perdido, por não poder ser apaziguada, tende a aumentar com firmeza. A dor na dimensão mental produz a mesma condição econômica que é criada diante de uma dor física. A transição da dor física para a mental corresponde a uma mudança da catexia narcísica (investida no corpo) para a catexia do objeto (objeto perdido do qual se sente falta).

Sobre a melancolia, Freud (1915), ao tratar da dor causada pela perda do objeto, apresenta-a como uma espécie de ruptura dos protetores psíquicos, dando-se a sensação de um buraco, uma ferida, nesse corpo. Freud (1925) faz questão de fazer corresponder a dor psíquica à dor física, enquanto reação real à perda de um objeto.

Freud (1915), inclusive, chegou a considerar a dor como uma “pseudopulsão”, pois ela constitui uma fonte contínua de excitação interna que não se pode evitar pela fuga ou pela descarga dessa excitação. Os excessos de excitação causadores de tensão desagradável não são resolvidos pela descarga da energia, mas pelo trabalho de ligação da energia desligada, sendo a dor um testemunho da presença da pulsão no corpo.

Sabe-se que, conforme Freud, (1923), quando há dor física, ocorre um alto grau de investimento narcísico no órgão dolorido, e que a dor é uma condição da representação do próprio corpo. O fato notável é que, no caso de um desvio psíquico por conta de um interesse de outra espécie, as dores corporais mais intensas não se produzem, encontrando-se sua explicação na concentração do investimento sobre a representação psíquica do local do corpo dolorido. Neste ponto, afirma Freud, parece residir a analogia que permitiu a transformação da sensação de dor corporal para o domínio psíquico (MENDONÇA, 2006).

Observe-se, aqui, que em ambas as situações ocorre um sobreinvestimento, ou seja, um investimento que aumenta porque não pode ser descarregado, na dor corporal, da parte do corpo que emite a dor, e na dor psíquica, do anseio pelo objeto ausente. Criam-se, pois, as mesmas condições econômicas. Isto, por sua vez, é o que permite a Freud afirmar que a transição da dor física para a mental corresponde a uma mudança da catexia narcísica para a catexia de objeto. Uma representação de objeto que esteja altamente catexizada pela necessidade instintual desempenha o mesmo papel que uma parte do corpo catexizada por um aumento de estímulo. A natureza contínua do processo catexial e a impossibilidade de inibi-lo produzem o mesmo estado de desamparo mental (MENDONÇA, 2006, p. 106).

No processo de luto, a inibição de qualquer atividade que não esteja ligada ao objeto perdido e à perda de interesse no mundo externo ocorre por causa da catexia do objeto que continua a aumentar e tende, por assim dizer, a esvaziar o ego. Para Freud (1915), essa inibição é expressão de uma exclusiva devoção ao luto, devoção que nada deixa a outros propósitos ou a outros interesses. Freud (1926) diz que o ego, no estado de luto, vê-se envolvido e absorvido em uma tarefa psíquica particularmente difícil, perdendo uma grande quantidade de energia à sua disposição, tendo que reduzir o consumo dessa

energia em muitos pontos ao mesmo tempo. É disso que trata Drummond em seu poema, publicado na obra “O corpo”:

Por muito tempo achei que a ausência é falta.
E lastimava, ignorante, a falta.
Hoje não a lastimo.
Não há falta na ausência.
A ausência é um estar em mim.
E sinto-a, branca, tão pegada, aconchegada nos meus

[braços,
que rio e danço e invento exclamações alegres,
porque a ausência, essa ausência assimilada,
ninguém a rouba mais de mim.

Partimos do princípio de que a poética de Drummond estabelece estreito vínculo com a matéria presente de sua vivência objetiva. Seus signos partem de experiências codificadas por uma linguagem que usa as palavras e as figuras de forma a explorar suas variadas significações, porém dentro de uma perspectiva de envolver o objeto em sua realidade objetiva (SOUZA, 2009).

Aceitando-se isso, o poema estabelece com propriedade a distinção entre ausência¹ e falta², conquanto os dicionários registrem os dois vocábulos como sinônimos. Tendo confundido, ausência e falta, “por muito tempo” – e dizendo-se “ignorante” por isso –, o poeta passa a diferenciar os termos, e lança a afirmativa categórica que parece chancelar nossa propositura: “Não há falta na ausência”. Aqui, a falta aparece como lacuna, espécie

¹ Do Aurélio **ausência**: sf. 1. O fato de alguém se afastar, se apartar de alguém ou algo; afastamento. 2. Não comparecimento; falta. 3. Inexistência, falta. 4. *Med.* Perda transitória de memória e, até, de conhecimento, e que pode ter causas várias.

² Do Aurélio **falta**: sf. 1. Ato ou efeito de faltar. 2. Privação. 3. Ausência (2). 2. Culpa. 5, Erro (4). 6. *Esport.* Transgressão das regras de um jogo ou esporte. Bater (ou cobrar) falta. *Esport.* Chutar, arremessar (1), ou fazer uma jogada, como punição de falta (6). Sem falta. Infalivelmente.

de hiato não preenchido, repleto de inanidade. A ausência, ao revés, surge como categoria substantiva (vale dizer, tendente à concretude; preenchida; não-lacunar) impermeável à vacuidade da falta. Distanciada do significado que se lhe atribui no mundo concreto, a ausência, aqui, não configura privação de presença, mas, ao contrário, afirmação de presença (ROSA, 2010, p. 120-121).

Ao vincular o sujeito “a ausência” ao predicativo “um estar”, imprime-lhe a feição de algo que comparece, que marca presença no ânimo do poeta. O sexto verso – “E sinto-a, branca, tão pegada, aconchegada nos meus braços” –, por seu turno, reafirma de forma mais veemente o seu caráter substantivo. Referida como investida de alto grau de concretude, dotada de cor e forma, a ausência é sentida de modo densamente tátil, e nesse enlace com o sujeito-poeta, “tão pegada, aconchegada em [seus] braços”, adquire especial relevo, por conta de sua configuração quase corpórea. Dessa conjunção “corporal” entre o poeta e a ausência resulta a euforia revelada no sétimo verso. Riso, dança e exclamações alegres (manifestações que, embora impalpáveis, são perceptíveis no mundo sensível) são provocados pela presença dessa ausência que, simbolicamente materializada, aninha-se em seus braços (ROSA, 2010, p. 121).

Estamos, assim, diante da estratégia discursiva fundada no embate entre confirmação e refutação da corporeidade. No texto que a elege como título, a ausência manifesta, (...) uma corporalidade potencialmente viável, a partir das formulações e relações que em torno dela estabelece o texto poético. No poema *Ausência*, portanto, parece conformar-se e confirmar-se o que chamamos de estado híbrido de presença-ausência, aqui configurado com maior sofisticação, uma vez que articulado no cerne da própria noção de ausência. O estado particular – corpóreo e incorpóreo – da ausência vem, na esteira dessa “outra forma de existir” que buscamos rastrear no universo poético de Drummond, “onde nada, tudo aspira a criar-se”, onde o tudo-nada aspira à permanência (ROSA, 2010, p. 122-123).

Segundo Sant’anna (2008), em seus escritos Drummond constrói o descentramento do eu lírico, como que para observar a si próprio, de maneira, a um só tempo, reflexivamente distanciada e afetivamente próxima. Da representação dramática do deslocamento desse eu em direção à sua interioridade ou, então, à sua exterioridade, resultariam os diversos momentos da obra drummondiana, pelo conceito de gauchismo (do galicismo “gauche”, esquerdo na vida ou na contramão da existência), válido para qualquer momento da trajetória poética do escritor. Marcas estilísticas do gauchismo seriam o

emprego da terceira pessoa em lugar da primeira, configurando uma espécie de diálogo do eu consigo mesmo, através de aparentemente objetivar-se, ou então de ocultar-se sob personagens.

Em Drummond, a vida sempre foi objeto de reflexão do sujeito perante o mundo – desde o início, quando um anjo torto o expulsou do mundo ideal, já o despachou para a vida com um aviso: “Vai, Carlos, ser gauche na vida!”. Na busca de compreender os homens e o mundo presente, o poeta estará sempre topando com obstáculos que travam a caminhada e pedem compreensão, como a conhecida “pedra no meio do caminho”.

Estabelecendo com o mundo concreto uma relação de aproximação e afastamento, a “outra forma de existir” que campeia no universo poético de Drummond se conforma numa espécie singular de corporeidade, que, esquivando-se da concretude absoluta da realidade objetiva, logra uma representação poética que lhe confere presença e permanência (ROSA, 2010).

A consciência drummondiana da precariedade dos sentidos levantados na linguagem poética, o engenho e a coerência metaforizados pelo “princípio corrosivo” que agencia a percepção do tempo, do espaço e da própria subjetividade lírica figurada em persona (TALARICO, 2006), demonstram a destreza em seus poemas de mostrar o efeito de espelhamento entre quem escreve, e quem lê. O ceder do poeta para que o leitor possa inferir o sentir do poeta, o seu sentir.

Nesse contexto, vemos que a perda a que o poema alude é uma perda resolvida, como afirma o autor “...ninguém a rouba mais de mim.”, demonstrando que o caráter da ausência tomou outro rumo e contexto. Então, em um luto saudável, o sofrimento e o humor depressivo surgem como uma forma de enfrentar e assimilar a perda. O luto é elaborado e a capacidade para criar novos vínculos continua preservada.

Contudo, algumas pessoas não conseguem fazer esse desligamento ou passagem, gerando-se um desânimo constante e uma falta de sentido existencial generalizada. Por incapacidade de integrar a perda (e suas consequências transformadoras) ao mundo mental, o processo normal do luto é interrompido através da identificação do enlutado com a pessoa morta. Freud (1915) aponta essa identificação como “solução” para a impossibilidade de elaborar uma perda significativa. Ele atribuiu à raiva, hostilidade, para com a pessoa perdida um papel central na transformação do luto normal em patológico,

sentimentos esses decorrentes da sensação, digamos, de roubo de si pelo outro que se perdeu.

No luto profundo existe, em geral, a perda de interesse pelo mundo externo ocorrendo dificuldade de adotar um novo objeto de amor. A inexistência do objeto exige grande esforço para redirecionamento da libido. A oposição a esse redirecionamento pode acontecer de maneira tão intensa que dá lugar a um desvio de realidade (psicose alucinatória), contrapondo aquilo que é da lógica de um luto normal.

Por outro lado, a superação do luto é realizada pouco a pouco e com grande gasto de energia. O desligamento do objeto perdido se dá através da evocação e hipercatexização de cada lembrança relativa ao objeto.

De outra forma, no melancólico não se pode ver exatamente qual o conteúdo da perda. Diferentemente do processo de luto, aqui o ego se apresenta como desprovido de valor, incapaz de qualquer realização, “uma perda objetual foi retirada da consciência, em contraposição ao luto, no qual nada existe de inconsciente a respeito da perda” (FREUD, 1915, p. 251). A gênese da melancolia, segundo Freud (1915), estaria numa ligação objetual que mostrou ser uma catexia de pouco poder de resistência sendo logo liquidada, supondo, então, que na melancolia a perda seja de natureza mais ideal, ou perda do amor do objeto, já que não se sabe o que realmente foi perdido. O sujeito pode até saber que objeto foi perdido, mas não pode saber o que se perdeu nesse objeto.

A libido, nesse caso, sem ter direcionamento, desloca-se para o ego, estabelecendo uma espécie de identificação deste com o ente perdido. A perda objetual passa a ser uma perda do próprio ego. Nos casos de catexia de pouca resistência constata-se que a escolha amorosa é feita sob uma base narcísica, dessa forma, a libido, ao deparar-se com obstáculos, pode retroceder ao narcisismo.

No luto, a realidade da ausência prova ao eu que o objeto não existe mais, obrigando-o a retirar seus investimentos desse objeto e a deslocá-los para outro. Uma oposição por parte do eu a essa exigência de se retirar todo o investimento do objeto será levantada, caso esse objeto for o representante para o eu de uma fonte antiga de satisfação.

O teste de realidade revelou que o objeto amado não existe mais, passando a exigir que toda a libido seja retirada de suas

ligações com aquele objeto. Essa exigência provoca uma oposição compreensível – é fato notório que as pessoas nunca abandonam de bom grado uma posição libidinal, nem mesmo na realidade, quando um substituto já se lhes acena. Esta oposição pode ser tão intensa, que dá lugar a um desvio da realidade e a um apego ao objeto por intermédio de uma psicose alucinatória carregada de desejo. Normalmente, prevalece o respeito pela realidade, ainda que suas ordens não possam ser obedecidas de imediato. São executadas pouco a pouco, com grande dispêndio de energia catexial, prolongando-se psiquicamente, nesse meio tempo, a existência do objeto perdido (FREUD, 1915, p. 250).

A retirada de investimento objetal é um processo penoso, porquanto abandonar o objeto é o mesmo que abandonar uma posição de satisfação há muito tempo construída. Desse modo, o trabalho de luto requer tempo, um tempo necessário para o desinvestimento do objeto, que não está mais onde costumava ser encontrado, e necessário também para o reinvestimento em outro objeto.

Com o conceito de narcisismo, Freud (1914) propôs a constituição do ego (eu) a partir de ser ele o objeto da pulsão. O narcisismo seria o momento organizador das pulsões parciais, permitindo a passagem do auto-erotismo para o investimento libidinal de um objeto exterior.

A escolha objetal narcísica é, segundo Freud (1914), amar a si mesmo através de um semelhante; e todo amor objetal comporta uma parcela de narcisismo. O eu representa um reflexo do objeto, pois o que se “lastima na perda de alguém é o quanto ele leva de nós, provocando-nos uma ferida narcísica”.

Do ponto de vista econômico, a energia que retornara para o eu após a perda do objeto será utilizada para investir as lembranças desse objeto que permaneceram no sujeito. Esse movimento de investir as lembranças, conseqüentemente irá produzir desprazer e colocar em ação o processo de descarga. É esse processo que vai possibilitar o escoamento energético do investimento das lembranças e, posteriormente, no desenrolar do trabalho de luto, um gradativo desinvestimento, permitindo, assim, ao eu eleger e investir um outro

objeto na realidade. Assim, quando novo objeto surge no horizonte e o eu decide investi-lo, ficando claro que as lembranças do objeto perdido, causadoras do longo sofrimento do luto, já se encontram em fase de desinvestimento e esvaziamento, possibilitando novo processo pulsional.

No luto, o objeto é abandonado e, mais tarde, substituído por outro, sendo o objeto reconhecido como portador de falhas, o oposto ao objeto na melancolia, que se apresenta como completo e absoluto. Daí o investimento do eu em outro objeto e a elaboração simbólica das perdas serem possíveis e evidenciadas no trabalho de luto e não na melancolia.

A melancolia se desenvolve numa base narcísica, e o que estaria em jogo nas relações entre o eu e o outro seria exatamente a perda de si mesmo que o eu experimentaria na perda do outro. Existindo o outro, apenas como objeto, chamado para curar a ferida narcísica do eu, para amparar a ilusão de sua completude e servir de suporte à constituição de sua imagem de unidade corporal.

Drummond fala desse luto, lastima essa ausência, afirma do sofrer por aquilo que se perdeu: “Por muito tempo achei que a ausência é falta. E lastimava, ignorante, a falta”. Perde-se, mas ao mesmo tempo, possui-se. Possui-se essa ausência que não é transformada em vazio, mas em um novo objeto de sentido para o sujeito. A ausência é carregada de valor sensível, que enche o poeta, corporificando aquilo que, a princípio, parece ser vazio.

Num primeiro plano, *assimilada* – “porque a ausência assimilada, / ninguém a rouba mais de mim” – aludiria à incorporação, isto é, à absorção da ausência pelo poeta: ela (a ausência), inculcando-se em seu espírito, converte-se em substância dele (poeta). No entanto, todo o poema opera no sentido de converter a ausência em “substância própria”, ou seja, transmutar um conceito a princípio abstrato num ente que passa a se manifestar a partir da substância (vale dizer, corporeidade) que o texto poético lhe confere. Assim, ao mesmo tempo em que dá conta da ausência infundida no poeta, o adjetivo “assimilada” faria referência a outra forma de incorporação (especificamente referendada no poema), qual seja, o ato de dar forma corpórea à ausência (ROSA, 2010, p. 121)

Em Drummond vemos que a ausência mostra outro tipo de significação: aquela que preenche e reverbera em um novo sentido. A ausência não é mais carregada de falta, pois ela se presentifica, através de um novo olhar e nova forma. O processo de luto, de perda desse objeto causa de investimento libidinal concerne um espaço para que essa

ausência/presença seja inserida nas identificações, dando espaço para que um novo objeto de amor possa surgir.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A finitude do corpo físico ou a perda de um objeto causa de amor. Foi sobre isso que procuramos refletir, sobre o Luto, trazendo seus conceitos e implicações na teoria freudiana, tomando como, simultaneamente, objeto de análise e forma de ilustração do assunto, a poética de Drummond. Categorias como ausência, finitude, falta, presença, permanência foram trazidas e refletidas na e com a poesia de Drummond, que justamente traz à tona estas questões.

O trabalho de simbolizar e elaborar a perda, reencontrando novos caminhos para o desejo, leva certo tempo e envolve algum pesar. É por meio desse percurso que esses objetos de amor podem ser desinvestidos e o sujeito passa a encontrar novos substitutos. Evidentemente, esse processo não é tão simples, pois envolve não apenas encontrar um objeto substituto, mas elaborar as fantasias conscientes e inconscientes que são ativadas com a perda de objeto. O processo de luto é, portanto, um redimensionamento das fantasias e defesas do psiquismo, em busca de um novo equilíbrio de forças.

Assim, a análise do poema neste trabalho redonda na tentativa de aventar possibilidades outras de existência para além da concretude, existências essas viabilizadas e legitimadas pela (e na) própria poesia de Drummond.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Antologia Poética** (1962). Rio de Janeiro: Record, 2001.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Corpo** (1984). Rio de Janeiro: Record, 2007.

FERNANDES, Maria Helena. “Entre a alteridade e a ausência: o corpo em Freud e sua função na escuta do analista”. In.: **Revista Percursos**. N. 29, Vol. 2. São Paulo: 2002, pp. 51-64.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Minidicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FREUD, Sigmund. Sobre o Narcisismo: Uma Introdução (1914-1916). In: _____. A História do Movimento Psicanalítico, Artigos sobre a Metapsicologia e Outros Trabalhos. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Vol. 14. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2006, pp. 75-109.

FREUD, Sigmund. **Luto e Melancolia** (1914-1916). In: _____. A História do Movimento Psicanalítico, Artigos sobre a Metapsicologia e Outros Trabalhos. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Vol. 14. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2006, pp. 249-263.

FREUD, Sigmund. **Além do Princípio de Prazer** (1920-1922). In: _____. Além do Princípio de Prazer, Psicologia de Grupo e Outros Trabalhos. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. 18. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2006, pp. 11-75.

FREUD, Sigmund. O Ego e o Id (1923-1925). In: _____. O Ego e o Id, e outros Trabalhos. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Vol. 19. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2006, pp.13-72.

FREUD, Sigmund. Inibições, Sintomas e Ansiedade (1925-1926). In: _____. Um Estudo Autobiográfico, Inibições, Sintomas e Ansiedade / Análise Leiga e outros Trabalhos. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Vol. 20. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2006, pp. 81-171.

GAUDÊNCIO, Edmundo de Oliveira. “**Cartografia da saudade**”. In: RIBEIRO, Maria Goretti (org.). **Corpo e alma: terapias biopsicossociais**. João Pessoa: Editora Universitária, 2007.

MENDONÇA, Marinella Morgana de. **As incidências da repetição no corpo, pela via da dor**. Dissertação de Mestrado. Departamento de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte: 2006, pp. 81-108.

ROSA, Luciano. “Anatomia da ausência: corporeidades, finitude e permanência na poesia de Carlos Drummond de Andrade”. In: **Veredas**. Revista da Associação Internacional de Lusitanistas, Vol. 13. Santiago de Compostela, 2010, pp. 101-124.

SANT’ANNA, Afonso Romano de. **Drummond: o gauche no tempo**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SOUZA, Ronyvaldo de. **Drummond: um realismo corrosivo**. In: **Web-Revista Discursividade Estudos Linguísticos**. N. 04. Nova Andradina, MS: 2009.

TALARICO, Fernando Braga Franco. **História e poesia: texto e contexto**. In: “**A rosa do povo**” (1943-1945). **Drummond de Andrade**”. Dissertação de Mestrado. Departamento de Pós-Graduação em História Social. Universidade de São Paulo, São Paulo: 2006.

Universidade Federal de Campina Grande – UFCG. **Projeto Pedagógico do Curso de Psicologia**. Curso de Graduação em Psicologia, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde – CCBS, Unidade Acadêmica de Psicologia – UAPsi, 2013.